

MÃES

FAZENDO ARTE

Fotos: Kleber Lima/CB



TERESA ARAÚJO (D) DIZ QUE NEM SENTE O TEMPO PASSAR: "É MUITO BOM O ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA"

DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

Enquanto os filhos excepcionais estudam, as mães aprendem artesanato. É o programa Reciclarte, desenvolvido no Centro de Ensino Especial nº 1 de Taguatinga. Apesar de ter sido colocado em prática há pouco mais de um mês, os frutos já começaram a aparecer. As artistas realizaram a primeira exposição nesta segunda-feira, no próprio colégio. Eram 24 bonecas de papel machê confeccionadas pelas mães. O sucesso foi tanto que elas receberam novos convites para divulgar o trabalho. Hoje, as bonecas serão expostas na Igreja Santa Terezinha, na QNJ.

A idéia de criar a oficina de artes plásticas para adultos surgiu da direção do colégio. "Percebemos que as mães ficavam ociosas enquanto esperavam a aula dos filhos terminar. Decidimos mudar esse quadro", explica a coordenadora pedagógica do centro de ensino, Cláudia Cardinale Lacerda. O baixo custo do material usado facilitou a criação da oficina. A matéria-prima usada para confeccionar as bonecas são jornal velho, cola caseira, água sanitária, barbante, tinta e formas improvisadas com garrafas de plástico usadas (*leia quadro*).

As servidoras se organizaram na busca de recursos para comprar os materiais. Correram atrás da parceria dos empresários da comunidade, pediram o apoio dos pais dos alunos e promoveram um brechó de roupas usadas para comprar as tintas à base de água, que custaram R\$ 55. O grupo de mães que aderiu à oficina era pequeno, não passava de dez pessoas.

O sucesso do trabalho, no entanto, incentivou o programa. Hoje são mais de 20 participantes. Com o crescimento, o Reciclarte precisa de ajuda para continuar funcionando. As funcionárias da escola se desdobram para manter as parcerias e impedir que o programa termine. "Sempre que a gente tem tempo, vai atrás de apoio", conta a professora Denise Iara Carneiro de Brito, de 41 anos. Ela cursa Artes Plásticas na Faculdade Dulcina e pretende desenvolver uma monografia sobre o tema A arte como inclusão social.

Além de desenvolver atividades manuais e ensinar artes plásticas, o projeto funciona como uma terapia para as mães de excepcionais. Elas partilham as angústias, os sofrimentos e as dificuldades de lidar com um filho especial. "É muito bom o espaço de convivência. Antes da oficina, o tempo demorava para passar, agora a gente nem vê", comenta a dona-de-casa Teresa Araújo Silva, de 69 anos. A filha dela, Maria do Socorro Araújo Silva, de 27 anos, tem problemas de retardamento mental desde criança.

Todos os 440 alunos do centro de ensino sofrem al-



gum tipo de deficiência e, por isso, é aconselhável que as mães aguardem no colégio enquanto os filhos participam das aulas. Maria de Roma Martins Custódio, de 40 anos, chegou a largar o emprego de bancária para se dedicar ao filho Airton Martins Custódio Lima Júnior, de 15 anos.

Ele é autista e toma remédio controlado. Hoje, Maria de Roma vende cosméticos para sobreviver, mas não se arrepen-

de da opção que fez quando o filho nasceu. "O retorno que tenho com a evolução dele compensa tudo", afirma.

Participante do Reciclarte desde a criação do projeto, ela se esquece dos problemas quando participa da oficina. "É uma verdadeira terapia, ajuda a levantar a auto-estima", explica. Não é apenas para as beneficiadas que o Reciclarte tem proporcionado um aumento na qualidade de vida. A professora da oficina desenvolveu Lesão por Esforço Repetitivo (LER) em 1996, quando lecionava Artes Plásticas para crianças no mesmo colégio. Quase teve de ser aposentada por invalidez. "Quando me falaram que eu não poderia mais trabalhar perdi meu chão, fiquei desnorteada", lembra.

Vida nova

Depois de ser submetida a duas cirurgias, uma em 2003 e a outra no ano seguinte, Denise Iara recebeu uma boa notícia. Foi informada de que poderia ser reconduzida ao trabalho, desde que não desempenhasse a mesma função. Nas outras escolas da rede pública, as professoras reconduzidas geralmente são transferidas para as bibliotecas, mas ela conseguiu se manter em sala de aula, numa função que não exige tanto esforço físico. "Foi como se eu tivesse ganhado vida nova", diz.

O Reciclarte faz parte de um programa maior de educação ambiental. O projeto enfoca tanto as crianças quanto os pais em aulas sobre diferentes temas. Entre os ensinamentos repassados para os meninos estão a importância e as possibilidades da reciclagem e os benefícios da preservação da natureza. Os adultos podem participar de duas oficinas, além da que é dirigida por Denise.

Uma das oficinas é sobre qualidade de vida, em que são desenvolvidas atividades físicas, como caminhadas, projeções de filmes e debates sobre temas relacionados à saúde. Outra é a oficina de jardinagem, quando as mães aprendem a cultivar flores. Todas as professoras das oficinas para os adultos foram reconduzidas. Os próximos trabalhos desenvolvidos pelo Reciclarte serão utensílios utilitários. Por enquanto, os participantes não pensam em vender os produtos.